

O MOSQUITO

ASSIGNATURA
Trimestre.... 2\$500
Pagamento adiantado

PERIODICO HEBDOMADARIO
ORGÃO DA SOCIEDADE — GYMNASIO LITTERARIO

O «Mosquito» publica-se uma vez por semana, aos domingos

O MOSQUITO

GYMNASIO LITTERARIO

1ª SESSÃO ORDINARIA EM 5 DO CORRENTE

PRESIDENCIA DO SR. PEDRO HORTA

A's 7 1/2 horas da noute, presentes 18 socios, abriu-se a sessão.

Forão propostos para socios effectivos os Srs. Dr. Antonio A. Ribas, João C. Barcellos, João da Cunha L. Barreto, Gustavo Vianna Filho, Lucio Porto Alegre e Dionisio Monteiro.

Fallarão tratando dos interesses da sociedade os Srs. Torres, U. Cabral, Achylles, S. Horta, A. Rocha e A. Candal.

Foi saudade pelo Sr. U. Cabral o novo associado Augusto Noronha.

O Sr. U. Cabral leu uma poesia sua intitulada — «Descrença e crença».

Foi aceita a these — «Se a vinda dos jesuitas ao Brasil trouxe-lhe beneficos resultados, e foi nomeado para dar parecer sobre a mesma o Sr. J. da Costa.

Foi tambem aceita a these — «Se a penna de morte é justificavel»; sendo nomeado para dar parecer sobre ella o Sr. F. V. Dias.

Levantou-se a sessão as 9 horas.

LITTERATURA

RAYMUNDO

Não sei que má estrella presidiu ao nascimento daquelle, cuja vida pretendemos narrar.

Desde o primeiro alvorecer da aurora da vida, até a ultima restea de sua luz, foi sempre Raymundo o alvo predilecto da desgraça.

Se ha destino — o de Raymundo era por certo bem terrivel; se Deus é quem escreve no livro immenso do futuro, Raymundo foi um martyr e Deus — injusto!

Pobre Raymundo, alma nobre e soberana, como soffreste e como foi horrivel o teu soffrer!

Se o reino do céu é dado áquelles que soffrem, tu, por certo, gosas a bemaventurança dessa eterna gloria!

Nasceste com o soffrimento e a dor, morreste com a miseria e o exilio.

Hoje, que dormes o somno eterno a que chamamos morte, que o mundo saiba a tua historia, que elle chore com as tuas dores, que orvalhe de lagrimas a tua campa e lamente o teu infeliz viver!

Em 13 de Julho de 1864, pelas 5 horas da tarde, quem passasse pela Igreja Matriz de Porto Alegre, notaria que se realisava nella o quer que fosse de solemne.

E' que naquelle momento se encommendava a Deus um ente prestes a revolver-se com a terra fria do sepulchro.

Comquanto, [pela apparencia, fosse a pessoa que acabava de existir, pobre, muita gente assistia á cerimonia.

Actuava, porém, sobre isso uma circumstancia.

A pessoa, a quem naquelle momento, se fazião as ultimas honras ecclesiasticas, tinha, por suas virtudes e qualidades, constituido-se credora da sympathia de todos.

Era uma mulher, ainda na flôr da idade e que havia assignalado com sua desastrosa morte o nascimento de uma creança, que ahi ficava sem um seio para beber alimento, sem um collo que lhe servisse de repouso.

Casada, havia apenas 9 mezes, com um honrado e probo mancebo, vinha a morte arrebatá-la da terra quando lançava no mundo o primeiro fructo de suas entranhas.

Era esta mais uma razão para chamar á Igreja

aquelles que sentem as dores de seu proximo e que não podem ver sem lagrimas o triste espectaculo da viuvez e da orphandade!

Chamava-se Augusta...

Tinha apenas 20 annos e era feliz; sim, feliz, porque tinha um esposo que a adorava e cujos affectos ella sabia retribuir com igual prodigalidade.

Mas é bem certo o antigo rifão: « Não ha bem que sempre dure. »

Breve veio o sopro da morte destruir a felicidade do lar, breve veio a separação eterna affastar aquelles dois entes que um amor santo e puro havia unido aos pés do altar, e como por fatalidade, na mesma occasião em que o nascimento de um filho vinha ainda mais estreitar os laços indissolueis que já os união.

Com que dôr, com que angustia, aquella mulher não vio a aproximação do fim de seus dias!

E como não ser assim se ella via a seu lado uma creança recém-nascida e que breve ia ficar orphã, se tinha a frente recostada sobre um coração, cujas descompassadas pulsações lhe demonstravão a enormidade da dôr que elle continha.

Quando sentiu que de todo lhe faltavão as forças e que lhe passava pelos olhos o véo negro da morte, imprimiu um ardente beijo na face da creança que nascia quando ella morria e fazendo um ultimo esforço, abraçou seu esposo desconsolado e desprendeo o derradeiro alento.

Retomemos, porém, o fio da nossa historia.

Acabada a cerimonia, todos os circunstantes, como que oppressos sob o peso daquella desgraça, caminhavão de cabeça baixa e descobertos atraz de um modesto esquife que conduzia o cadaver de Augusta á sua ultima morada.

Era sublime o espectaculo!

Tudo demonstrava pesar...

Dir-se-hia que a propria natureza sentia, pois que pouco a pouco deixava o seu manto de galas para tomar um véo que paulatinamente se ia tornando negro.

Chegou enfim o prestito á lugubre habitação dos mortos.

Os coveiros, no desempenho de sua profissão, penduravão o caixão em cordas e não deixavão cabir no fundo da cova, que havião aberto, quando uma voz rouca, em que se via transluzir a agonia no seu auge, disse:

— Ainda não!...

Os coveiros paravão estupefactos e os circunstantes soltarão uma exclamação que o echo ainda algum tempo repetiu.

Entretanto, um homem coberto de luto, aproximou-se a passos lentos para o caixão, abriu-o e conservou-se por algum tempo, mudo, contemplando aquelle corpo hirto proximo a desaparecer para sempre de sua vista.

Depois, ajoelhou, ergueu no céu as mãos e orou. Era bello contemplar-se aquelle homem, com os olhos macerados, a murmurar baixinho uma fervorosa oração.

Não sei quem disse, que as grandes dores impõem aquelles que as contemplão um religioso silencio.

De facto, nem um resfolegar, nem uma palavra, nem mesmo um gesto.

Ápenas aquella porção de homems que, como obedecendo a um impulso sobrehumano, ajoelharão-se e orarão tambem.

De repente, como a agua a que por instantes se corta a carreira, e que depois, livre, prosegue impetuosa, assim brotarão em borbotões as lagrimas dos olhos daquelle mancebo coberto de luto, que cahia desfallecido sobre o cadaver de Augusta.

Foi uma tempestade daquelle coração trucidado pela dôr.

Quasi sempre, quando se é assaltado por uma grande dôr, os olhos seccão-se, a voz fica presa na garganta e sente-se o peito dilacerar-se.

Assim aconteceu aquelle mancebo.

Porém, quando conheceu que ia para sempre desaparecer de sua vista a mulher que amava, quiz ainda vel-a pela ultima vez... viu-a, porém morta... quiz orar... e orou!

Aquella dor concentrada matava-o... pediu á Deus lagrimas... e chorou!

Os espectadores daquella scena tinham reconhecido Eduardo, marido de Augusta.

Quando desfalleceu avisinharão-se delle, tomarão-n'o nos braços e conduzirão-n'o para fóra daquella tristonha morada, emquanto os coveiros deixavão cahir o caixão no fundo da valla e lançavão sobre ella as ultimas pás de terra.

II

Eduardo, desfallecido, foi conduzido á sua casa por seus numerosos amigos que convenientemente o accommodarão, cercandoo de todos os cuidados e atencões que o seu melindroso estado requeria.

Depois da scena de lagrimas que narramos no capitulo anterior, Eduardo cahiu em tal estado de abatimento e prostração que punhão em risco sua existencia.

Natureza fraca, seria impossivel supportar o peso daquella desgraça que, tão de chôfre cahia sobre si.

Digamos, porém, já que o fizemos conhecer ao leitor, quem era Eduardo.

Se ha caracteres moldados no cadinho da honradez e probidade o desse moço era um del es.

Para elle, faltar á palavra empenhada, era o mais degradante crime que um homem podia commetter.

Como homem de talento e em cujo peito pulsava vehementemente o amor da liberdade, Eduardo jámais podéra comprehender que um homem se curvasse aos pés de um throno e beijasse reverente a mão daquelle que n'elle se assentasse.

Nessa crença, e que elle não procurava esconder, porque era-lhe dilactada pelo coração, Eduardo dedicou-se á vida independente, fugiu sempre e as vezes com sacrificios, de empregos vantajosos que se lhe offerecião, mas que elle considerava humildes por estarem sob as ordens de um homem que appellidavão — Rei !

As suas arraigadas idéas democraticas impedirão-lhe muitas vezes de adquirir uma fortuna.

Era talvez um exagero : mas, que querem ?... A custa de seu proprio sangue elle procuraria sustentar as suas convicções.

Temos visto destes entes dedicados á uma causa, capazes de tudo esquecer por ella, capazes de tudo sacrificar a ella.

Eduardo, pois, pelas razões que havemos exposto, era um mancebo pobre, mas honrado ; e isto lhe havia adquirido innumeradas amizades, nas quaes acharia elle um dedicado apoio, se algum dia dellas tivesse necessidade.

Apaixonara-se por Augusta...

Ella era pobre, portanto, accessivel a uma união com elle ; pois que, se fosse rica, ser-lhe-ia mais facil morrer suffocando aquelle amor que se gerara em seu seio, do que humilhar-se em unir o seu destino ao de uma mulher que tivesse fortuna.

Augusta era, pois, o anjo que elle sonhara, a companheira que elle idealisara em suas longas horas de meditação.

Pobre, bella e candida... Estes tres predicados reunidos constituíão, a seu ver, a creatura mais sublime que elle poderia ambicionar para esposa.

Com effeito, o seu consorcio effectuou-se com Augusta e nós sabemos o triste fim delle.

Voltemos, porém, ao começo do nosso capitulo.

Eduardo foi entregue aos cuidados de um intelligente facultativo que passava dia e noite á sua cabeceira, velando pela prolongação de seus dias.

Durante as horas de delirio, aquelle moribundo só tinha duas palavras para pronunciar : Augusta e seu filho.

Uma noite, o medico, que voltava da casa de um de seus doentes que reclamara com urgencia os seus serviços, ao entrar no quarto, encontrou Eduardo sentado na cama, com as feições alteradas, que, apossado de um forte delirio, apontava para um dos angulos de seu quarto, dizendo estar vendo Augusta, rodeada de anjos, que o chamava á corte celeste, onde habitava.

Desta vez o ataque foi tão violento que o me-

dico desesperou de arrancar aquelle homem ás garras da morte que o ameaçava.

Mais duas vezes se repetirão esses accessos de delirio. O medico sabia que ao terceiro Eduardo não resistiria.

De facto, findo o terceiro accesso, esse moço cahiu prostrado e com voz fraca apenas teve tempo de dizer :

Dr., vele por meu filho!... expirou!

Assim pois, o nascimento de Raymundo, que o leitor terá comprehendido ser essa criancinha de que tenho fallado, foi de lagrimas, de dor e de luto!

D'ahi a 24 horas, as mesmas pessoas que assistirão ao enterro de Augusta acompanhavão o cadaver de Eduardo para deposital-o no mesmo lugar onde repousavão os restos de sua esposa!...

Na eternidade — mais duas almas... Na terra mais um orphão desvalido!

Continúa

E. DE MENDONÇA.

O JURAMENTO TEMERARIO

(CONTINUAÇÃO DO N. 27)

Um dia que todos iam dar um passeio aos arredores, escapei-me para ir ainda vér os meus retratos queridos, antes de os deixar por todo o dia, não queria ao principio estar sinão um instante, parecendo-me que se não apercebião de minha ausencia; insensivelmente esqueci o passeio, os prazeres que me esperavão, minha mãe, minha tia, tudo emfim, e fiquei como pregada ao meu lugar, com os olhos postos na dama do semblante pallido (como eu a chamava) e misturando sua imagem ás aventuras as mais bizarras que podia conceber a minha jovem imaginação. Já me tinham chamado vinte vezes, já as criadas ião procurar-me, mas a minha prevenção era tal que nada ouvia, conservando-me immovel diante do retrato, quando minha tia abrindo a porta da galeria veio surprender-me. Minha ausencia começava a inquietar, e o ar aterrado de minha tia me chamou a mim mesma, e, seja consciencia da minha culpa, seja vergonha de ter sido assim surpreendida, lancei-me nos braços de minha tia, e algumas lagrimas molharão minhas faces; a reprehensão expirou em seus beiços, mas cedendo a admiração que lhe inspirava a minha, pelos velhos quadros da galeria:

— Menina, tu olhas para uma mulher que foi bem bella e bem desgraçada.

— Bem desgraçada! eu tinha pois advinhado, oh! minha tia, conta-me sua historia,

— Não hoje que nos esperão, e por outra parte, tu és ainda muito creança.

— Muito creança para ouvir uma historia ! meu Deus ! pois bem, para a nossa proxima viagem terei doze annos, então serei bem grande, promettei-me, de a contar. Ella deu a sua palavra e alguns dias depois partimos.

No anno seguinte viemos para a casa de minha tia, apenas nos abraçamos, que, pensando em satisfazer minha impaciente curiosidade, peguei na mão de minha tia com ar grave, de que ella não comprehendia a causa, e a levei á galeria e parando diante do meu retrato favorito :

— Boa tia, cumpri vossa promessa. Ella sorriu-se e me disse que á noite me contaria a historia tão desejada ; ordem foi dada de arranjar a galeria para nos receber : em presença mesmo do retrato de Wilhelmine, de Cernan soube as desgraças extraordinarias de sua vida. Parecerão-me tão interessantes que tenho procurado novos detalhes para completar minhas lembranças e é esta a historia que vou contar-vos.

Wilhelmine de Cernan, educada por sua mãe no campo, tinha sempre vivido no seio de sua familia, e na preciosa intimidade de alguns amigos.

Seus gostos simples a fazião amar o retiro, seu espirito naturalmente melancolico se aterrava do que fazia a ventura das outras mulheres : o baile, as sociedades, as reuniões alegres que a mocidade tanto gosta, não tinham para ella nenhum attractivo ; sua mãe, que a adorava não teve nunca a idéa que uma semelhante disposição de character podesse fazer mal a sua filha, não procurou vencel-a e a dirigiu sómente para as idéas de piedade, que tinham feito o fundo de sua propria educação. A religião encheu o pensamento de Wilhelmine de tudo quanto ha de maior e de mais sublime, e dissei quasi de mystico, o que corava a seus olhos os menores detalhes de sua vida ; parecia um anjo em relação intima todos os dias, todos os instantes com a Divindade. Deus, sua mãe ! toda a sua existencia encerrava-se n'estas duas palavras.

Quando teve dezoito annos, lhe apresentarão o barão de Breuil como um partido conveniente, não procurou mesmo o trabalho de interrogar o seu coração, persuadida que podia entregar á sua mãe o cuidado de assegurar sua felicidade ; aceitou com alegria este esposo. Wilhelmine não teria com effeito podido fazer uma escolha mais digna. Mr. de Breuil era um homem bom e amavel, sua casa não distava senão uma legua da habitação de Mme. de Cernan, estas pessoas vião-se todos os dias e nada se mudou para Wilhelmine : o barão julgava-se o mais afortunado dos homens ; sem cessar occupado de sua joven esposa, punha todos os seus cuidados em ornar o seu espirito, em formar seus talentos e elevar sua alma para o que é realmente grande e bello : uma parte do tempo consagrava-se á leitura, outra á musica ou desenho, e ao passeio, e nunca terminava o dia sem visitarem alguma pobre choupana, espalhando as consolações e

os beneficios. A vida de Wilhelmine passava assim no meio d'estas alegrias puras, d'estes socegados sentimentos, jámais o espectáculo do crime a tinha affligido, porque não via a miseria senão para a aliviar.

Uma existencia tão igual deveria durar sempre mas aquelle cuja vontade não é a nossa tinha ordenado de outra maneira, no fim de dous annos de ventura o barão adoeceu, e bem depressa os medicos declararão que sua vida estava no maior perigo. Wilhelmine, banhada de lagrimas, não deixava a cabeceira do leito de seu esposo, prodigalizando-lhe os cuidados da ternura mais verdadeira, e não teve a força de lhe occultar a sua dôr. Resignado á morte, soffrendo pela profunda afflicção de sua mulher, procurava socegal-a, dirigindo-lhe palavras consoladoras, mas Wilhelmine nada ouviu, os soluços a suffocavão, cahiu no estado de entorpecimento de que a podia apenas tirar seu desejo de aliviar o doente.

— Deus é bom, lhe disse enfim Mr. de Breuil, e vos dará resignação para supportar esta desgraça, e vos fará ainda achar encanto na existencia : vós sois moça, o futuro vos dará bellos dias, o caminho da vida se vos apresenta risonho, ah ! esperava passal-o longo tempo comvosco, o céu não o quiz... Um outro...

— Jámais ! exclamou Wilhelmine, jámais !... eu amar ainda, unir-me a outro, esquecer-vos... antes mil vezes morrer !...

— A dor vos perturba n'este instante, respondeo elle, mas sabei que nada é eterno n'este mundo, nem mesmo uma affeição tão santa como a nossa, acreditai-me como homem que tem muita experiencia, vosso coração tem necessidade de amar, feliz aquelle que occupar um lugar ! possa elle ser digno da sua ventura !

Wilhelmine cobriu de beijos as mãos de seu marido, e parecia indignar-se de ser tão mal comprehendida, tão mal julgada, repulsava estas tristes predições, mas o moribundo dizia :

— Minha amiga, a vida se acaba, o momento aproxima-se, torna a tomar este anel, eu te desligo dos jurameutos.

— Ah ! não me afflijaes ! este anel guardai-o, e se alguma vez vossas fataes ameaças se realisarem, se eu conceder a outro o amor que vós deveis levar para sempre ao tumulo, é a vós mesmo que eu pedirei o direito, é á vossa sepultura que irei buscar este anel, e ao vosse dedo que usarei tiral-o ! eu faço o juramento.

Wilhelmine !... nada de palavras sacrilegas, nada de juramentos !...

O barão pronunciou estas palavras com custo, e forão as ultimas, não tornou a si senão para cahir em novos accessos, e expiron dentro em algumas horas nos braços de sua mulher desesperada. Wilhelmine chorou amargamente o homem que tinha adquirido tantos direitos ao seu reconhecimen-

mento, e durante muito tempo a joven viuva ficou encerrada em sua casa, rodeando-se de objectos que lhe recordavam sua felicidade passada, gostando de entreter sua dor, repellindo as distrações que se lhe offerecião.

Continúa.

A VELHA QUITERIA

(ROMANCE)

D. Quitéria do Santissimo Sacramento era uma excellente creatura, que conheci em 1863. Teria 50 e tantos annos; era solteirona, fallava dia e noite e sempre magra como uma barbatana.

Usava chinó, para encobrir a immensa calva que um maldito typho lhe deixara como lembrança, e não desprezava os olhos de tartaruga senão quando dormia. Tinha um buço um pouco espesso e junto a orelha esquerda um signal preto do tamanho de um grão de milho.

Não perdia missa aos domingos, fogos do Espirito Santo e nem deixava aos sabbados de accender a Nossa Senhora uma vella de quarta.

Creava gallinhas, e comia de vez em quando um franguinho assado sem nunca dispensar um calix do milagroso Porto.

No pensar da Sra. Quitéria o vinho era um dos elementos mais poderosos da vida, e em auxilio desta convicção, trazia a longevidade de Noé, como argumento. O sangue é a vida, dizia ella, e é necessario fortifical-o para se poder chegar a velhice. Resfriamentos, bronchites, pleuriz e até thysicas no ultimo gráo, contava a Sra. Quitéria ter curado com vinho quente e gemmadas de vinho branco.

Muitas vezes ouvi de seus labios amargas injurias contra os allemães por haverem introduzido em nossas mezas a cerveja, com exclusão completa do velho Porto.

A thysica, a hypertrophia, o rachitismo e mesmo o idiotismo ella attribuia ao uso da cerveja.

Porém... apesar de semelhantes opiniões, D. Quitéria do Sacramento era uma excellente velha.

Deitava-se ao toqua d'Ave Maria e levantava-se uma hora antes da estrella d'alva vir annunciando o brilhantismo das gallas do alvorecer.

Um seu visinho, que passara algumas noites de insomnias, me jurara que a chaminé da D. Quitéria era a primeira a fumejar em todo o circuito da cidade.

Devo acrescentar ainda, que quando ella se aproximava do burrinho já tinha degerido 25 padres nossos e não sei quantas ave-marias.

E o que posso affiançar é que mal acabava de resar ninguem mais podia dormir.

Aquillo era um Deus nos acuda!...

A escrava apenas ouvia abrir a porta da alcova, já se levantava rapida, como se a corrente de uma bateria de 100 elementos lhe tivesse communicado... e até a pobre de Josephina, a sua sobrinha, e filha de criação nunca gosára, com saude, um só dia, o somno languroso da madrugada.

Depois que D. Quitéria resava, começava uma duhadoura, uma bulha infernal. Ia ao gallinheiro, soltava as aves, dava-lhes de comer; queria a casa varrida, a agua fervendo, trastes espanados, e quando isto não se fazia logo, a visinhança esava condemnada a não dormir mais. Era uma gritaria infernal.

Por diversas vezes a ronda fez abrir a porta suppondo algum conflicto ou desgraça.

A visinhança por mais de uma vez queixara-se á policia do procedimento de D. Quitéria do Sacramento, porém ella, que era proprietaria da casa em que morava, respondia sempre a autoridade: O incommodado é quem se deve mudar. E nisto ficavão as justas queixas do visindario.

Desde que a tia de Josephina herdara a casa onde habitava, as moradias contiguas perderão de valor 20 ou 30 % pelo menos.

Nenhum inquilino morava mais de 2 mezes. A lingua e as madrugadas de trovoadas da velha Quitéria expulsavão da visinhança os mais pacientes e pachorrentos moradores.

Não se passavão 15 dias que uma ou outra das casas contiguas não estivesse de papel á janella.

Ultimamente, isto é, no anno de 1864, a Sra. do Sacramento só tinha por visinhos: á direita, no sobrado, trez cadetes da escola militar e á esquerda um patrão de lanchão que apesar de familiarizado com os tufões e trovoadas, rara era a vez que pernoitava em casa.

Porém apesar de tudo isto D. Quitéria do Santissimo Sacramento era uma excellente creatura.

II

Em companhia da velha Quitéria vivia ha muitos annos sua sobrinha Josephina Gonzaga do Sacramento. Era uma galante menina de 15 annos, timida e pura como o pensamento de um anjo.

Orphã aos 15 annos de pai e mãe, Josephina foi recolhida a casa de sua tia, que a extremecia com esse amor que Deus só deu a mulher para engrandecer-a e eleva-la acima de tudo.

A menina, sem outros élos que a prendesse a mais ninguem, amava em sua tia a mãe carinhosa arrebatada tão cedo pela morte a doce affeição filial.

Josephina, natureza docil e coração bem formado, obedecia cegamente sua tia, como um automato esca-

A prova disso tem S. S.^a com a representação do seu drama «Remorso Vivo», que, levado á scena cinco vezes, tem em todas ellas attrahido avultadissimo numero de apreciadores, não do phantastico, mas do bello que ahi se revela sob diversas fórmas.

A Morgadinha de Val-For, a Estatua de Carne, Pedro, Mulheres de Marmore, Dalila e Supplicio de uma mulher, são dramas de inquestionavel merito litterario e que causão sempre o melhor effeito; mas já muito representados pelas companhias que aqui tem vindo e já muito applaudidos pelo publico, que se sabe de cór.

Variar é gosar, diz o adagio francez.

Exhibe sempre o Sr. Furtado Coelho dramas pouco conhecidos de nós, como o Direito de conquista, em que D. Lucinda trabalha com a mais admiravel naturalidade; e comedias como o Lenço branco, em que, a par de um estylo florido e gracioso, apreciãose muitissimos preceitos de moral, e verá o theatro transbordar de espectadores.

E' esta a nossa opinião que os factos estão demonstrando ser bem fundada.

LUCIANO DE AGUIAR.

CHRONICA

BENEFICIO DE D. LUCINDA

Teve lugar na quinta-feira o beneficio de D. Lucinda Furtado Coelho. A «Morgadinha de Val-flor», já bem conhecido do nosso publico, foi o drama escolhido.

Ha muito tempo não assistiamos uma enchente como a de quinta-feira, ha muito tempo não viamos o theatro decorado tão caprichosamente.

Parecia um dia de festa nacional; nos camarotes e na platéa a multidão regorgitava alegre e festiva saudando a cada momento a sympathica actriz.

E bem merecidos erão os applausos das turbas entusiasticas; se honra a quem os soube conquistar, honra tambem ao povo que sabe animar e encorajar as vocações, que desabrochão cheias de esperanças.

D. Lucinda se não é uma gloria, se não é um genio, é uma aptidão, é um talento que agora desponta no céu do nosso theatro.

Póde ainda um dia glorificar o seu nome no santo sacerdocio que abraçou, póde mesmo nas horas do estudo, quando escalear-lhe a fronte as lucidas chammas da inspiração, sua alma remontar-se aos céus para conquistar a vara magica dos privilegiados; póde ser mesmo uma realeza nos vastos e esplendidos dominios da arte, o que não é hoje e o que não será nunca se habituar o seu ouvido e acreditar nesse triste e intermitente ghocalho lauda-

torio da nossa imprensa, que só vê em si o transumpto do ideal e da perfeição artistica.

Essa falta de sinceridade da nossa imprensa, essa benevolencia mal entendida, além de ser perigosa e funesta, é criminosa.

Anima-se a intelligencia que apparece, mas essa animação honrosa deve ser franca, leal e conselheira.

Quanto e quanto talento não tem ficado estacionario, não tem retrocedido mesmo na sua carreira abandonando o trabalho, seduzido pela sercia da lisonja da imprensa?!

E' preciso muito cuidado quando se balança o thurybulo; um impulso mais forte ou falso póde deramar as brazas e queimar a imagem que se adora.

D. Lucinda porém, não deve temer que o fogo caia sobre si; tem felizmente para resguardal-a o manto brilhante de sua modestia.

Mas tratemos do trabalho de D. Lucinda na noite de seu beneficio.

Na «Morgadinha», nesse drama escolhido para o seu beneficio, e que é por certo onde D. Lucinda trabalha melhor, ahi mesmo encontramos alguns senões ao alcance do menos exigente espectador.

No ultimo acto, quando Luiz Fernandes expira nos braços da Morgadinha, é um pouco fria a sua linguagem; naquelle momento de dor e desespero devia haver mais energia, mais afflicção.

Nem se póde comprehender como o coração immensamente apaixonado da Morgadinha, como aquella natureza impetuosa assistia quasi friamente as ultimas agônias do seu amante.

Em compensação porém D. Lucinda no 4º acto, que é incontestavelmente o mais difficil, nas rapidas e variantes transições da altivez, dá ironia e do desespero, arrebatou-nos mais de uma vez e revelou-nos os recursos de que dispõe para em breve conquistar a nomeada a que tem jus o seu brilhante talento.

Forão estas as impressões que trouxe do beneficio da sympathica actriz D. Lucinda Furtado Coelho.

MANFREDO

A decifração da charada do n. 26 é — GALLO-CRISTA.